



Desenvolvimento Comportamental

- “Desenvolvimento” e as suas conceções

Por desenvolvimento entende-se o conjunto de mudanças contínuas no ser humano ao longo da sua existência.

O conceito de desenvolvimento pressupõe uma sequência de alterações graduais que levam a uma maior complexidade no interior de um sistema ou organismo. Na evolução por que passa cada indivíduo desenham-se estádios que seguem uma ordem praticamente imutável, mas o tempo de permanência em cada um deles varia conforme o indivíduo.

- **Piaget e o desenvolvimento cognitivo**

Jean Piaget elaborou uma teoria do desenvolvimento a partir do estudo da inteligência da criança e do adolescente. A sua teoria permitiu que se acabasse com a conceção de que a adolescência da criança era semelhante à do adulto, existindo entre elas mera diferença quantitativa.

Segundo Piaget, a inteligência precede o pensamento, desenvolvendo-se por etapas progressivas que exigem processos de adaptação ao meio. Deste modo, o desenvolvimento pressupõe a maturação do organismo, bem como a influência do meio físico e social.

Para compreendermos a teoria de Piaget, é necessário termos em conta alguns conceitos:

1. **Esquema** → em cada etapa de desenvolvimento estão presentes esquemas mentais, que formam uma estrutura quando coordenados entre si.
2. **Adaptação** → a inteligência é uma adaptação ao meio ambiente, feita através da assimilação e da acomodação.
3. **Assimilação** → é o processo de integração dos dados da experiência nas estruturas do sujeito.
4. **Acomodação** → é a modificação constante das estruturas do sujeito para se adaptar aos novos elementos provenientes do meio. Entre a assimilação e a acomodação desenrola-se a coordenação que permite que ocorra o desenvolvimento intelectual progressivo.
5. **Organização** → o pensamento atua de forma organizada e de acordo com o meio, isto é, a adaptação ao meio conduz à organização do pensamento e o pensamento organizado estrutura melhor os objetos do meio.
6. **Estádios** → são fases ou etapas qualitativamente diferentes por que passa o desenvolvimento intelectual. O desenvolvimento intelectual faz-se por etapas sucessivas em que as estruturas intelectuais se desenvolvem progressivamente. Cada novo estágio representa uma forma de equilíbrio cada vez maior, que permite uma adaptação mais adequada às circunstâncias.

O desenvolvimento pode explicar-se através de diferentes fatores, como a **hereditariedade**, a maturação interna, que não atua sozinha e por isso é um fator insignificante. O segundo fator é a **experiência física**, a ação dos objetos. A lógica da criança em especial, advém das ações exercidas sobre os objetos. O terceiro fator prende-se com a **educação** que, no entanto, por si só é insuficiente, sendo necessária a assimilação por parte da criança. O quarto fator é a **equilibração**, ou seja, o equilíbrio entre os três fatores anteriores.

O desenvolvimento da inteligência faz-se pelo intercâmbio constante entre a criança e o meio. Piaget distingue quatro estádios de desenvolvimento:

→ **Estádio da inteligência sensório-motora: desde o nascimento até aos 2 anos.** Neste estágio a criança não se distingue dos objetos que a rodeiam, nem compreende as relações entre os objetos independentemente dela. Em vez de palavras e conceitos, a criança serve-se de percepções e movimentos organizados em esquemas de ação.

→ **Estádio das representações pré-operatórias: dos 2 aos 7 anos.** A entrada neste estágio é marcada pelo aparecimento da função semiótica ou simbólica, que assinala o início do pensamento.

→ **Estádio das operações concretas: dos 7 aos 11 anos.** Nesta fase, as estruturas intuitivas transformam-se num sistema de relações de tipo operatório, o que significa que as ações interiorizadas ou ações mentais que já se manifestam no período precedente tornam-se agora reversíveis e designam-se por operações.

→ **Estádio das operações formais: dos 11 aos 15 anos.** Ao contrário do anterior estágio, durante a adolescência desenvolve-se a inteligência formal, que significa a entrada num domínio novo que é o do pensamento puro. Assim, nesta fase, o adolescente é capaz de raciocinar sobre hipóteses abstratas, ou seja, proposições enunciadas verbalmente, ou através de outros símbolos, a partir dos quais se efetuam os encadeamentos típicos da lógica formal.

• Freud e o desenvolvimento psicossexual

Assim como Piaget na perspetiva cognitiva, também Freud considera que a compreensão do comportamento exige uma análise dos fenómenos psíquicos. Contudo, se a perspetiva cognitiva encara as pessoas como processadoras racionais de informação, a perspetiva psicodinâmica procura evidenciar aspetos em que a racionalidade humana falha: enfatiza as motivações inconscientes e o papel desempenhado pelas vivências emocionais infantis na estruturação da personalidade do adulto.

Toda a teoria de Freud desenvolve-se à roda do conceito de **energia psicossexual** ou **lívido**, cuja proveniência são as pulsões biológicas e instintivas. Freud defende que o desejo ou busca do prazer psicossexual surge no indivíduo antes da puberdade, logo a partir do nascimento. O termo prazer psicossexual é usado por Freud num sentido muito amplo, que inclui as sensações agradáveis resultantes da estimulação de diversas áreas do corpo e considera que a energia psicossexual ou lívido deriva de processos metabólicos. Os órgãos envolvidos na digestão e procriação, fundamentais para a sobrevivência do indivíduo e da espécie, são **zonas erógenas**, ou seja, fontes instintivas de **prazer sexual**.

Desde modo, a criança atravessa uma série de estádios, cada um dos quais se associa a sensações de prazer ligadas a uma zona erógena específica. O controlo destas sensações origina conflitos cuja resolução influencia a formação da personalidade adulta, pelo que para alcançar a maturidade psicológica, o indivíduo deve resolver positivamente os conflitos próprios de cada etapa. Assim, as pessoas que experienciam um excesso de frustração ou de satisfação dos sentimentos sexuais de cada período poderão permanecer psicologicamente presas a esse estágio, fenómeno designado por **fixação**.

• Erikson e o desenvolvimento psicossocial

A perspectiva de Erikson (Psicanalista alemão 1902-1994) caracteriza-se pela sua ênfase nos aspectos psicossociais.

Erik Erikson apresenta uma teoria de desenvolvimento, cujos pressupostos são os seguintes:

- ✗ a energia que orienta o **desenvolvimento** é essencialmente de **natureza psicossocial**, havendo, portanto, uma valorização interação entre a **personalidade** em transformação e o **meio social**;
- ✗ o desenvolvimento é um **processo contínuo** que se inicia com o nascimento e se prolonga até ao final da vida;
- ✗ a **personalidade** constrói-se à medida que a pessoa progride por **estádios psicossociais** que, no seu conjunto, constituem o ciclo da vida;
- ✗ em **cada estágio** manifesta-se uma **crise** que é vivida em função de **aspectos biológicos, individuais e sociais**. A crise consiste num **conflito** ou dilema que deve ser resolvido, sendo que existe uma solução positiva e negativa para cada um deles;
- ✗ os **conflitos** estão, desde o nascimento, latentes no indivíduo, só se tornando patentes e predominantes em **fases específicas** da vida;
- ✗ quando as crises são resolvidas de forma **positiva**, resultam em **equilíbrio e saúde** mental, já as soluções **negativas** das crises conduzem ao desajustamento e ao sentimento de **fracasso**;
- ✗ ajustamento ou desajustamento não são situações ou estados definitivos. Em fases subsequentes, o indivíduo pode passar por experiências positivas e negativas que contrariem as vivências tidas em estados anteriores.



Desta forma, o conceito de **crise** é, segundo Erikson fundamental para a **construção da personalidade**, que se desenvolve em função da resolução de crises sucessivas. De acordo com a forma como a crise for resolvida, a pessoa situar-se-á mais ou menos adequadamente no contexto social.

As **crises psicológicas** que permitem ao indivíduo adquirir sentimentos, como confiança em si próprio, autonomia, iniciativa, ou, ao invés, falta de confiança, sentimentos de inferioridade e culpabilidade, surgem ao longo da vida, distribuídas por 8 idades, em cada uma das quais aparecem virtudes específicas.

➤ **1ª idade → Bebê:** vai **desde o nascimento até aos 18 meses**. O conflito típico desta idade é: **Confiança vs. Desconfiança**.

Durante este período, o relacionamento com a mãe é da maior importância. Se a mãe alimenta bem o filho, se o aconchega e acarinha, brinca e fala ternamente com ele, o bebê desenvolve o sentimento de que o ambiente é agradável e seguro, criando uma atitude básica de confiança e face ao mundo.

➤ **2ª idade → criança de tenra idade:** situa-se **desde os 18 meses até aos 3 anos**. O conflito típico desta idade é a **Autonomia vs. Vergonha e dúvida**. Nesta fase, as crianças sentem ainda necessidade de proteção, mas simultaneamente, gostam de experimentar. Por isso, sentem-se bem sempre que podem exercitar as suas capacidades motoras: correr, puxar, empurrar, segurar, largar são atividades que treinam e procuram desenvolver.

➤ **3ª idade → criança em idade pré-escolar:** **dos 3 aos 6 anos**. O conflito próprio desta fase é **Iniciativa vs. Sentimento de culpa**. O desejo de experimentar mantém-se e amplia-se com a aquisição de novas capacidades intelectuais, como o pensamento e a linguagem, que usa como

outras formas de explorar a realidade. Com elas toma iniciativas, idealiza façanhas, realiza tarefas e exibe-se.

➤ **4ª idade → criança em idade escolar: dos 6 aos 12 anos.** O conflito próprio desta idade é **Diligência vs. Sentimento de inferioridade**. A criança franqueia o universo da escola, onde se espera que faça grandes aprendizagens, a nível académico e social. Sonha com o sucesso, desenvolvendo esquemas cognitivos para se tornar excelente nas tarefas desempenhadas.

➤ **5ª idade → adolescente: dos 12 aos 20 anos.** O conflito próprio desta idade é **Identidade vs. Confusão**. Nesta idade, o adolescente apercebe-se da sua singularidade como pessoa, adquirindo a noção de que é um ser único, com identidade própria, mas inserido num meio social onde tem vários papéis a desempenhar, pelo que o adolescente vai ter de integrar diversas autoimagens: jovem, amigo, estudante, seguidor, líder, trabalhador, homem ou mulher numa única imagem e é a partir dela que escolhe uma carreira profissional e um estilo de vida. Se nos períodos anteriores conseguiram obter confiança básica, autonomia, iniciativa e diligência, os adolescentes constroem mais facilmente a sua identidade. Se pelo contrário, manifestam dificuldades em saber o que são, o que querem, que opções fazer e que papel desempenhar, vivem situações difíceis de confusão e indecisão.

➤ **6ª idade → jovem adulto: dos 20 aos 35 anos.** O conflito típico desta idade é **Intimidade vs. Isolamento**. Nesta fase, o jovem adulto já está preparado para estabelecer laços sociais caracterizados pelo bem-estar, amizade, partilha e confiança.

As dificuldades em estabelecer relacionamentos íntimos contribuem para que as pessoas se fechem em si mesmas e permaneçam no isolamento.

➤ **7ª idade → adulto: dos 35 anos aos 65 anos.** O conflito típico desta idade é **Generatividade vs. Estagnação**. O termo generatividade foi criado por Erikson e designa o comprometimento do adulto em relação ao futuro e à nova geração. A afirmação pessoal do adulto é desenvolvida através das preocupações com os jovens, o seu bem-estar e o desejo de contribuir para um mundo melhor.

➤ **8ª idade → Idoso: dos 65 anos em diante.** O conflito típico deste período é a **Integridade vs. Desespero**. Esta fase coincide com a entrada na reforma, em que a pessoa se empenha em refletir, fazendo um balanço da sua vida. A principal virtude adquirida nesta idade é a **sabedoria**.

• A relação mãe-filho

Assim que nasce, a criança faz parte de uma família que é o grupo básico da sociedade, sendo que posteriormente se integrará noutros grupos, sendo-lhe conferido o estatuto de ser humano. Desta forma, constatamos que o **desenvolvimento** e a **socialização** são processos simultâneos e interdependentes.

Nos primeiros tempos de vida, o universo social da criança centra-se na mãe, pelo que a relação que é estabelecida entre ambos deve ser considerada de um modo particular.

Piaget, Freud e Erikson, cada um na sua perspetiva, consideravam uma “nova” infância, em que a criança, desde o nascimento, vai-se desenvolvendo a nível intelectual, afetivo e social, respetivamente.

→ **Piaget apresenta o Estádio da inteligência sensório-motora**, como base de todo o desenvolvimento intelectual futuro. De acordo com Piaget, a criança nasce com esquemas de ação que quando desenvolvidos e interiorizados, se transformam, mais tarde, em esquemas de pensamento.

→ **Freud, por sua vez, centra-se na capacidade de a criança sentir prazer e desprazer praticamente desde o momento do nascimento.** Centradas na amamentação as primeiras vivências

afetivas contribuem para a formação da personalidade, determinando o ulterior relacionamento emocional com as outras pessoas.

→ Erikson, segundo a qual a confiança ou desconfiança norteiam o relacionamento social, radizando nas experiências vividas durante os primeiros meses de vida. O modo como bebê resolve o primeiro conflito existencial influencia o grau de esperança num futuro relacionamento social gratificante.

Todos estes psicólogos evidenciam que o desenvolvimento é dinâmico e que necessita de uma relação com o outro. A mãe é então o primeiro agente através do qual a criança faz o intercâmbio com o meio, desenvolvendo com ela as primeiras relações afetivas e iniciando o seu processo de relacionamento com o mundo físico e social.

O vínculo afetivo que se estabelece entre o filho e a mãe e que se traduz pelo **desejo da presença** desta e do seu contacto tem uma origem de cariz emocional, cuja satisfação reside em experiências gratificantes como: **estar ao colo, ser embalado, abraçado, e beijado, receber afagos, festas e carícias.**

- **O primeiro esboço de socialização**

É hoje largamente aceite a ideia de que as experiências vividas no início da vida desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e na estruturação da personalidade. Pensa-se que a influência mais determinante é exercida pelo **clima emocional da família**, pelo amor e **aceitação** por parte dos pais. A criança constrói o conceito de si própria numa relação especial com a mãe. Esta relação é gratificante para a criança pelo prazer que ela lhe proporciona, pela atenção que lhe dispensa, pelas atitudes que adota perante os seus pedidos e necessidades.

Quando os chamamentos da criança são atendidos, ela experimenta sensações agradáveis, sente-se amada, segura, desejada. Estes sentimentos são um excelente começo de vida, funcionam como motores do desenvolvimento de capacidades essenciais para o sucesso social, tais como a autoconfiança, a iniciativa, a independência e a responsabilidade.

Em função disto, quando se fala na **relação mãe-filho**, tem de entender-se como uma relação entre a criança e um adulto significativo, aquele que lhe proporciona as **experiências precoces mais estimulantes e positivas**, que com ele passa mais tempo e lhe dispensa maior atenção e afeto.

- **A adolescência**

Por adolescência entende-se a etapa da vida que se estende da infância à idade adulta. Inicia-se com a puberdade, ou seja, com os primeiros sinais de maturação sexual, o que, em termos de idade, varia conforme os sexos, o clima, o meio e a cultura.

A adolescência é esta época longa de transição entre a infância e a idade adulta. Os adolescentes estão a **afirmar a sua independência**, tarefa por vezes penosa e pouco apoiada pelos pais, que os veem a deixar de se comportar como crianças cumpridoras e obedientes e a não se comportarem ainda como adultos responsáveis. A entrada em funcionamento dos mecanismos hormonais determina o crescimento rápido do corpo e o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários. O pensamento do adolescente é caracterizado pelo seu **egocentrismo**, levando-o a crer que as experiências por que passa são tão suas e únicas que muito dificilmente alguém as

poderá entender. O adolescente sente-se muitas vezes **incompreendido**, mesmo sentindo que as pessoas se preocupam consigo.

• Conceito de grupo

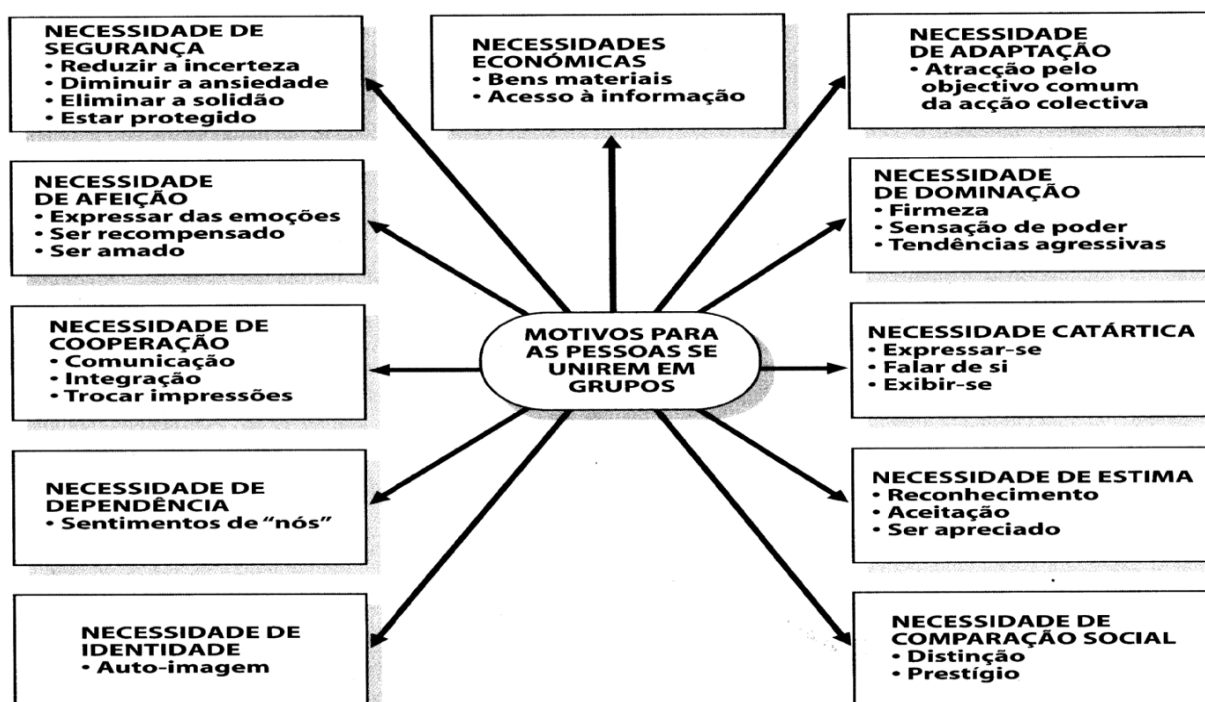
Sabemos que o homem a custo sobreviveria se, logo à nascença, não recebesse da sociedade os cuidados necessários à sua maturação e desenvolvimento. Tais cuidados cabem à família, que, simultaneamente, vai moldando o indivíduo pela imposição de condutas padronizadas. Na idade conveniente, frequenta a escola, onde novos modelos lhe são apresentados e que passam a coexistir com os familiares. O indivíduo integra-se ainda num grupo de jogos ou faz parte de um clube, regidos por normas definidas. Pode, eventualmente, ser um membro de um partido político ou de um grupo teatral. Tem também de seguir uma carreira profissional, o que lhe exige o contacto com outros indivíduos do mesmo ramo de atividade ou com trabalhadores da mesma empresa.

GRUPO: Unidade social constituída por pessoas com papéis interdependentes, orientadas para objetivos comuns e que regulam o seu comportamento por um conjunto específico de normas.

Só em certas condições estamos perante um grupo social, o que implica que as pessoas que o integram:

1. Exerçam influência umas sobre as outras.
2. Desempenhem tarefas inseridas num sistema de papéis.
3. Atuem segundo normas e modelos específicos.
4. Orientem as suas condutas em função de objetivos comuns.
5. Sintam que fazem parte do grupo e que os outros as aceitam como tal.

O grupo é, portanto, um **conjunto humano estruturado**, que não resulta da simples adição de comportamentos individuais, mas de um **dinamismo global** que vai **determinando, influenciando e**



afetando as condutas de cada um. O que leva as pessoas a associarem-se é o facto de isoladas, não poderem satisfazer um grande número de necessidades. Entre elas, contam-se as seguintes:

- **Coesão grupal**

Força atrativa que une os indivíduos e lhes confere o sentimento de pertença ao grupo.

Este sentimento de “nós” manifesta-se em situações diversas, em especial quando o grupo corre o risco de se desintegrar por força de ameaças externas. Assim, se um elemento de uma família é ultrajado por um indivíduo exterior ao grupo, todos se unem na defesa dos interesses do seu grupo.

- **Tipos de grupo**

- A **família** e a **turma** são exemplos de **grupos primários**. Os elementos constituintes do grupo convivem durante longos períodos de tempo. Não admira, pois, que se desenhem relações afetivas de simpatia e amizade.

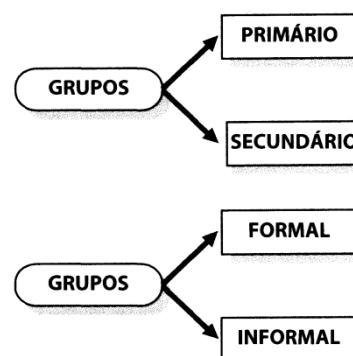
- Uma **empresa**, um **clube desportivo** e o **exército** são exemplos de **grupos secundários**.

Não é preciso que os elementos estejam juntos durante períodos grandes de tempo, podendo mesmo haver funcionários de uma empresa que nunca se conheçam durante a vida inteira.

- A **família**, a **empresa**, a **escola**, o **partido político**, por exemplo, são **grupos formais**. Esta designação convém-lhes, por pressuporem uma hierarquia bem definida no que respeita a estatutos e a desempenho de funções. São grupos duradouros no tempo, facto que lhes confere um certo grau de estabilidade.

- Os **amigos** com quem nos reunimos no café, com quem saímos ou com quem vamos ao futebol constituem exemplos de **grupos informais**.

Trata-se de grupos efémeros e as regras de convivência são flexíveis e adaptáveis às diferentes situações. De igual forma, a hierarquia despe-se de qualquer tipo de fixidez, não havendo uma liderança formalmente explícita.



- **Liderança**

Processo pelo qual alguém tenta influenciar os outros na realização dos objetivos pretendidos.

Howard Gardner estudou casos de pessoas que influenciaram o futuro da humanidade, tendo afirmado: «Um líder é uma pessoa que, pela palavra ou pelo seu exemplo pessoal, influencia os pensamentos, comportamentos e sentimentos de um número significativo de pessoas — os seguidores ou audiência.» Este psicólogo considerou como grandes líderes Estaline, Franklin Roosevelt, W. Churchill, De Gaulle, Einstein, Gandhi e outros, pois qualquer um preenche os **critérios básicos de liderança**, isto é, todos eles **afetaram os pensamentos, sentimentos e ações de um número significativamente grande de pessoas**.

Qualidades que definem um líder:

- **Visão.** O líder é aquele que, melhor do que os outros, sabe não só para onde quer ir, mas também onde é necessário ir, ou seja, sabe o que deve ser feito.
- **Confiança.** O líder é aquele que sabe transmitir a sua confiança ao grupo. É aquele que domina a *“arte de levar as pessoas a executar uma tarefa voluntariamente”*.
- **Adesão.** O líder é aquele que consegue obter a colaboração ativa, inteligente e entusiasta de todos para trabalharem na edificação daquilo que personifica os valores comuns.

• Tipos de liderança

Liderança autoritária

O estilo de líder autoritário ou autocrático é bem definido pela significativa expressão popular: **quero, posso e mando**. De facto, o chefe autoritário é dominador, tomando sozinho as decisões que dizem respeito ao funcionamento do grupo. Comanda todas as atividades desde a sua planificação e dá ordens quanto ao que deve ser feito, quando e quem o deve fazer. Dá ordens, comanda, não participa na realização efetiva das tarefas do grupo. Quanto à **produtividade**, o grupo comandado pelo chefe autoritário é o que produz **maior quantidade de trabalho**. No que respeita à **satisfação pessoal**, é evidenciado um **baixo nível de contentamento**, dada a qualidade do ambiente gerado durante a realização das atividades. Surgem conflitos entre os empregados e entre estes e o chefe, criando um clima de apatia e desinteresse até à hostilidade.

Liderança democrática

O líder democrático não toma sozinho as decisões. Ouve e discute os problemas com o grupo, incitando as pessoas a participar e a dar o seu contributo pessoal. Explica a todos os elementos os objetivos pretendidos, deixando-lhes a possibilidade de adotar as estratégias que julguem ser mais adequadas para a sua concretização. Embora não participe efetivamente no trabalho a realizar, procura acompanhá-lo, mantendo-se solidário com o espírito do grupo.

A **produtividade** do grupo chefiado pelo líder democrático é **inferior** à autoritária, mas **as pessoas sentem-se bastante satisfeitas** com as atividades e com o ambiente geral de trabalho. As relações pessoais são amistosas e todos cooperam cordialmente na realização das tarefas.

Liderança permissiva

Também conhecido por líder *laisser-faire*, este líder tem um papel muito passivo, dando total autonomia às pessoas do grupo para determinarem as atividades e os procedimentos a seguir. Manifesta-se disponível para fornecer material e informações, desde que para tal seja solicitado. Não toma iniciativas nem apresenta sugestões. Não avalia positiva ou negativamente o comportamento dos indivíduos nem as atividades do grupo, até porque é amigo, confia no grupo e acredita nas possibilidades criativas de as pessoas se organizarem e realizarem as tarefas adequadas. Grupo **menos produtivo**, dado que as pessoas se sentem como que perdidas, envolvendo-se assiduamente em **discussões prolongadas** que compreendem, algumas vezes, motivos pessoais com questões levantadas a propósito da realização dos trabalhos.

A ideia de que existe a “melhor forma de liderar” está, portanto, hoje em dia, posta de lado. **Liderança democrática** ou **liderança autoritária** são **mais ou menos eficazes** em função de inúmeros fatores condicionantes. Entre eles, destacam-se:

1. Características das pessoas que fazem parte do grupo.
2. Natureza simples ou complicada das tarefas a executar.
3. Carácter rotineiro ou inovador das tarefas.
4. Tempo disponível para a realização das tarefas.
5. Relações pessoais do líder com os subordinados.
6. Exigências e pressões exteriores ao grupo e outras forças conjunturais.

• **Verifique se compreendeu:**

Faça a correspondência entre os conceitos apresentados e os estilos de liderança a que melhor se adequam:

A – Liderança autoritária;

D – Liderança democrática.

- | | |
|--|---|
| a. Ambiente de medo | i. Alta produtividade |
| b. Bom nível de satisfação pessoal | j. Comandar |
| c. Ouvir os outros | l. Empatia |
| d. Dar ordens | m. Razoável produtividade |
| e. Crítica destrutiva | n. Crítica construtiva |
| f. Incentivo à participação pessoal | o. Baixo nível de satisfação pessoal |
| g. Tomar decisões sozinho | p. Hostilidade no relacionamento pessoal |
| h. Ambiente de confiança | q. Relações pessoais amistosas |

• **Interação grupal**

Interação grupal refere-se à reciprocidade de ação os elementos de um grupo.

Interação - Fenómeno grupal que se verifica quando uma ação produzida por um sujeito A funciona como estímulo de uma resposta do sujeito B e vice-versa.

Diagrama em que a interacção é o centro do funcionamento do grupo com todos os factores que lhe estão ligados.

É tão grande o número de situações em que as pessoas e os grupos interagem, são tão diversas as formas de interação e tão díspares os seus efeitos, que tem sido difícil aos psicólogos e



sociólogos elaborar um quadro de referências para identificar, classificar e relacionar os fenómenos que ocorrem no processo de interação grupal.

- **Atração interpessoal**

Como explicar a atração recíproca dos indivíduos? As pessoas que apreciamos e respeitamos terão algo em comum? O que dirige a nossa atração pelas pessoas? Que fatores determinam a atração interpessoal?

Entre outros, destacam-se:

- **Contacto social.** Quanto mais as pessoas se virem e conviverem, mais amigas se tornam e desejam estar juntas. As estatísticas mostram que as pessoas tendem a casar-se com as pessoas que vivem perto delas. Também ocorre o inverso: o contacto pode gerar inimizades e quanto mais as pessoas se encontrarem maior será a inimizade.
- **Atração física.** Tendemos a aproximar-nos e a gostar mais das pessoas com melhor aparência física. Especialmente entre os jovens ou no que diz respeito ao relacionamento de sexos opostos, o aspecto físico é determinante.
- **Satisfação de necessidades.** Apreciamos mais as pessoas que, de algum modo, satisfazem as nossas necessidades. Isto acontece, por exemplo, em relação às pessoas que nos ajudam, nos confortam, concordam connosco, reduzem os nossos medos e ansiedades, em suma, contribuem para o aumento da nossa autoestima.
Há psicólogos que consideram que as pessoas criam sentimentos em relação aos outros em termos de “lucro”, ou seja, em termos de diferença entre a qualidade de recompensas obtidas na relação e o “custo” dessa mesma relação. Este lucro, como é óbvio, não se refere essencialmente a ganhos materiais, podendo, por vezes, não os excluir.
- **Similaridade de atitudes.** Inclina-mo-nos mais para uma relação positiva quando as pessoas partilham opiniões, crenças, valores e pontos de vista semelhantes aos nossos. Preferimos estar a conversar com aqueles que têm as mesmas preferências que nós em relação às ideologias políticas, manifestações artísticas, crenças religiosas e atividades recreativas.
- **Reciprocidade.** É reconfortante apercebermo-nos de que há retribuição de sentimentos positivos por parte dos outros por quem sentimos afeição. Por outro lado, perceber que alguém se sente atraído e gosta de nós desencadeia também da nossa parte simpatia e outras modalidades positivas de afetividade.
Esta lista de elementos condicionadores das relações afetivas interpessoais seria muito mais longa. Pensemos, por exemplo, que sentimos atração por aqueles que, em geral, fazem coisas boas, são delicados, simpáticos, disponíveis, bem-educados, competentes, bem-dispostos, inteligentes, criativos, talentosos ou influentes.